

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Licenciatura em Educação do Campo  
Luana Heinzen Henckel**

**Agroecologia e Educação do Campo em Santa Rosa de Lima:  
caminhos para transformação da escola**

**Florianópolis  
2016**



Luana Heinzen Henckel

**Agroecologia e Educação do Campo em Santa Rosa de  
Lima: caminhos para transformação da escola**

Trabalho de conclusão de Curso da Licenciatura  
em Educação do Campo da Universidade Federal  
de Santa Catarina para a habilitação nas Áreas das  
ciências da Natureza e Matemática. Orientadora:  
Prof. Ms. Gabriela Furlan Carcaioli

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária  
da UFSC.

Henckel, Luana Heinzen

Agroecologia e Educação do Campo em Santa Rosa de Lima:  
caminhos para transformação da escola / Luana Heinzen Henckel  
; orientador, Gabriela Furlan Carcaioli -Florianópolis, SC, 2016.  
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina. centro de ciências da  
educação. Graduação em Educação do Campo.

Inclui referências

1. . 2. Educação do Campo. 3. Agroecologia. 4. Escola.  
I. Carcaioli, Gabriela Furlan. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Graduação em . III. Título.

Luana Heinzen Henckel  
AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SANTA ROSA  
DE LIMA: CAMINHOS PARA TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA  
Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para  
obtenção do Título de “Licenciatura em Educação do Campo”, e aprovado em  
sua forma final.

Florianópolis, 11 de julho de 2016

---

Coordenador do Curso

Professora: Néli Suzana Quadros Britto, Dra.

---

Orientadora

Gabriela Furlan Carcaioli

---

Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Natacha Eugênio Janata

---

Examinador

Prof. Volnei Luiz Heidmann



Dedico este trabalho a todos aqueles que partilham e lutam pela Educação do Campo!  
Dedico a minha querida mãe, fonte de amor e de saberes.





## AGRADECIMENTOS

Agradeço

[...] À **DEUS**, primeiramente, por me dar força e fé para enfrentar as dificuldades surgidas durante este percurso.

[...] À minha mãe por permanecer ao meu lado.

[...] À cidade de Santa Rosa de Lima/SC e à escola E. E. B. Professor Aldo Câmara, por me acolher sempre. Sem esquecer-me de Todos os envolvidos com esta pesquisa, em especial aos professores que contribuíram com a pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

[...] Aos meus colegas de turma pela amizade e companheirismo ao longo do curso.

[...] À minha orientadora Gabriela Furlan Carcaioli.

[...] À banca que me avalia.

[...] A **TODOS** que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Muito obrigada!



*“Se a educação sozinha não pode  
transformar a sociedade, tampouco sem ela  
a sociedade muda.” (Paulo Freire)*



## RESUMO

O presente trabalho, apresentado como requisito para conclusão no curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC procura trazer para o debate as contradições vividas na cidade de Santa Rosa de Lima, denominada “capital da agroecologia” e ao mesmo tempo grande produtora de fumo, cultivo com intensivo uso de venenos. A questão de pesquisa surgiu a partir das vivências de estágio no Ensino Médio realizado durante o processo formativo na licenciatura. O papel da Escola Estadual Professor Aldo Câmara nesse contexto é muito importante, uma vez que a escola e o local da sala de aula são espaços significativos para o debate aparecer e a Agroecologia acontecer para além de técnicas agrícolas, mas sim como ciência, sendo o eixo norteador para a transformação da escola e da formação dos estudantes, como lutadores e construtores do futuro.

**Palavras - chave:** Agroecologia; Educação do Campo; escola.



## ABSTRACT

This study, presented as a requirement to complete the Bachelor's Degree in Education Field in Natural Sciences and Mathematics at the Federal University of Santa Catarina - UFSC, seeks to bring to the debate the lived contradictions in the city of Santa Rosa de Lima, named "capital of agroecology" while major producer of tobacco, cultivation with intensive use of poisons. The research question emerged from the stage of experiences in high school performed during the training process in degree. The role of the State High School Professor Aldo House in this context is very important, since the school and the location of the classroom spaces are significant for the debate appear and Agroecology happen beyond agricultural techniques, but rather as a science, and the framework for the transformation of the school and training of students, as fighters and builders of the future.

**Keywords:** Agroecology; Field Education; school.





## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Localização do município de Santa Rosa de Lima dentro da AMUREL.....	<b>19</b>
<b>Figura 2</b> Localização do município de Santa Rosa de Lima dentro da AMUREL.....	<b>20</b>
<b>Figura 3</b> Sede do Município de Santa Rosa de Lima.....	<b>21</b>
<b>Figura 4</b> Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara - 2015.....	<b>38</b>



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas  
ACTs - Autoridade para as Condições de Trabalho  
AGRECO - Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral.  
AMUREL - Associação dos Municípios da Região de Laguna.  
CN - Ciências da Natureza  
EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
MEC - Ministério da Educação  
MTM - Matemática  
PPP - Projeto Político - Pedagógico.  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso  
TC - Tempo Comunidade  
TU- Tempo Universidade



## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1: Agroecologia e Educação do Campo em Santa Rosa de Lima: uma revisão bibliográfica.....</b>	<b>19</b>
1.1 Caracterização do município de Santa Rosa de Lima.....	19
1.2 História econômica do município.....	21
<b>1.2.1 Do “primitivo” ao tradicional.....</b>	<b>22</b>
<b>1.2.2 Do tradicional ao convencional.....</b>	<b>23</b>
<b>1.2.3 Do Convencional ao Agroecológico.....</b>	<b>23</b>
1.3 A Educação do Campo no contexto de Santa Rosa de Lima..	25
1.4 Princípios da Agroecologia.....	27
1.5 Papel geral da escola na formação dos sujeitos.....	30
1.6 Contextualização como princípio curricular.....	31
<b>Capítulo 2: Metodologia de Pesquisa.....</b>	<b>33</b>
2.1A Pesquisa Participante como instrumento metodológico.....	33
2.2 Os sujeitos da escola.....	35
<b>Capítulo 3: A Agroecologia na escola de Santa Rosa de Lima.....</b>	<b>37</b>
3.1 A Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara.....	37
3.2 A Agroecologia vai à escola?.....	38
<b>Considerações finais.....</b>	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>49</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>54</b>



## INTRODUÇÃO

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender. (Paulo Freire)

A formação proporcionada pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), diferente da maioria dos cursos de formação de professores, tem por objetivo, preparar o graduando para atuar em áreas do conhecimento e não apenas em uma única disciplina. Essa proposta de formação proporciona ao estudante e posteriormente ao egresso, olhar para a realidade do território, da escola e da vida do seu aluno, buscando uma reflexão sobre o papel da escola que temos e quais os caminhos para a escola que queremos.

O curso de Educação do Campo da UFSC é oferecido pela modalidade presencial e estruturado no período de alternâncias conhecidos como, Tempo Comunidade(TC) e Tempo Universidade (TC). Nos TU são realizadas aulas presenciais para a formação dos professores e nos TC são realizadas pesquisa de campo nos municípios de origem dos estudantes, que buscam reflexões, informação e análise da realidade local, vivenciada pelos licenciandos. O período de alternância possibilita a permanência dos acadêmicos em seus municípios de origem, tendo assim, a oportunidade de cursar o ensino superior não tendo a necessidade de saída do campo. (Documento do Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC) ano

No curso, as vivências de Tempo Comunidade (TC) e Tempo Universidade (TC) resultaram em diferentes atividades durante os quatro anos de formação que proporcionaram vivências na comunidade e o reconhecimento da escola e da sala de aula. Cada etapa dessas resultou em um “produto final”, sendo este TCC, fruto do acúmulo das experiências vividas e praticadas ao longo desses quatro anos.

No primeiro ano, o foco de análise foi o município de origem dos acadêmicos, sendo realizado o diagnóstico do local, em que pude começar a compreender a contradição agroecologia e produção com veneno. No segundo ano do curso, o foco se deu na escola do município, nesse momento tive contato com o projeto político pedagógico (PPP) da escola e com o cotidiano dela. Esse contato foi muito importante, pois percebi que o olhar que vim fazendo para as questões do município, não se refletia em um problema a ser trabalhado na escola, por mais que o

PPP enfoque isso. No terceiro e quarto anos, são as práticas de estágio no ensino fundamental e médio, nas áreas da Matemática e Ciências da Natureza que balizam o TC ficando mais nítidas para mim, a importância de debater e problematizar, como futura educadora, a Agroecologia e a Educação do Campo no contexto de Santa Rosa de Lima.

Mais precisamente no último ano de estágio, no Ensino Médio, surgiu a motivação e o interesse de investigar melhor o contexto da escola e lançar um olhar crítico ao Ensino de Ciências da Natureza, tendo a Agroecologia como estruturante desse processo, pois o município de Santa Rosa de Lima carrega consigo o título de “Capital Catarinense da Agroecologia”, e uma grande e representativa produção de Alimentos Orgânicos.

Desta forma, por me formar nessa licenciatura em específico, fica muito claro para mim, que esse debate deva se dar a partir das bases da Educação do Campo, pois ela carrega como princípio e diretriz o trabalho e a realidade das comunidades, sendo a escola parte desse todo e impossível de separação, uma vez que as relações estão imbricadas por processos internos que perpassam todos esses contextos e estruturam o território.

Então, minha pesquisa vai em busca de conhecer como a escola leva em consideração o título que o município carrega, “Capital Catarinense da Agroecologia” e como os sujeitos entrevistados percebem esse título dentro do contexto didático? Como e trabalhado a agroecologia dentro da escola?

O curso de Licenciatura em Educação do Campo proporciona ao estudante essa visão de práticas docentes que integram as diversas disciplinas, ou seja, fundamenta-se em práticas interdisciplinares, para melhor compreender as demandas da comunidade e respondê-las a partir da Agroecologia, nos conteúdos escolares.

O ensino contextualizado favorece facilitar a compreensão do sentido das coisas, dos fenômenos e da vida. Por isso, a Educação do Campo tem um papel importante na transformação da escola, quando a Agroecologia não se limita apenas a um título, mas adentra ao contexto escolar.

Balizando-nos por essas questões já levantadas, esta pesquisa está constituída e dividida em três capítulos: no primeiro procuramos trazer uma revisão bibliográfica sobre o contexto do município Santa Rosa de Lima, os princípios da Educação do Campo e da Agroecologia, o papel da escola de formação dos sujeitos e a contextualização como princípio curricular.



No segundo capítulo, baseamo-nos na pesquisa participante (BRANDÃO, 1984) como metodologia de trabalho, sendo orientadora para o trabalho de campo.

O terceiro capítulo apresenta uma narrativa construída com os dados de pesquisa coletados em trabalho de campo na Escola Estadual Aldo Câmara, a partir de entrevistas e da observação participante.

Acreditando que a escola seja parte importante das mudanças ocorridas na sociedade, me senti motivada a busca de respostas para melhor compreensão e construção da Agroecologia dentro do ambiente escolar.

Esse trabalho propõe uma reflexão aos professores da Escola de Educação Básica Aldo Câmara sobre a importância de trabalhar a realidade local do município, tendo como título Capital Catarinense da Agroecologia no contexto escolar. A pesquisa busca analisar o contexto da escola como os professores trabalham a agroecologia.



## Capítulo 1: Agroecologia e Educação do Campo em Santa Rosa de Lima: uma revisão bibliográfica

“... A vida é um bem que não tem preço. Entretanto, há processos agrícolas que estão produzindo doenças, muitas irreversíveis. Tais processos devem ser substituídos e, felizmente, já temos tecnologia para fazê-lo (...). Eis a nossa responsabilidade. Em vez de negar a tecnologia da vida, há que estudá-la, que aperfeiçoá-la, porque este é o caminho indiscutível da produção agrícola, tanto animal quanto vegetal (...).Hoje nos encontramos diante de um dilema inexorável: ou seguir o paradigma da ganância, da competitividade, do egoísmo, da degradação social, da contaminação ambiental, da destruição dos bens comuns naturais (...) e de nossas mais belas e altas tradições (...), ou optar pela paz, pela vida!” (Pinheiro Machado, 2014, p. 310).

### 1.1 Caracterização do município de Santa Rosa de Lima

Como referencias para caracterizar o município me apropriei do diagnóstico do município construído no primeiro ano do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. O município de Santa Rosa de Lima está situado nos territórios das Encostas da Serra Geral, no sul do estado de Santa Catarina, sendo distante 120 quilômetros da capital Florianópolis. Fazendo parte da microrregião da Associação dos Municípios da Região de Laguna (AMUREL).

**Figura 1:** Localização da Microrregião da Associação dos municípios da região de Laguna (AMUREL)



**Fonte:**  
<http://www.sulsc.com.br/afo/ha/cidade/s/amurel.htm>

**Figura 2:** Localização do município de Santa Rosa de Lima dentro da AMUREL.



**Fonte:** <http://www.sulsc.com.br/afolha/cidades/amurel.htm>

A colonização de Santa Rosa de Lima teve início por volta de 1900, quando os primeiros moradores alcançaram os vales que hoje compõem o município abrindo picadas na mata com foices e machados. Contudo, em 1920 vieram os primeiros colonos, de origem alemã, italiana, açorianos e mestiços, neste período o movimento migratório teve maior intensidade.

Atualmente, Santa Rosa de Lima tem pouco mais de dois mil habitantes (2.065 segundo o Censo Demográfico de 2010). Essa população se distribui em uma área de 206 quilômetros quadrados. Para o IBGE (2010), 74,9% dos habitantes vivem em domicílios rurais e 25,1% em domicílios urbanos.

**Figura 3:** Sede do Município de Santa Rosa de Lima



**Fonte:** Acervo Municipal

## 1.2 História econômica do município

A economia de Santa Rosa de Lima é baseada na agricultura familiar, seja para vendas ou consumo próprio, (produção vegetal, produção de tabaco para empresa fumageiras, criação de animais, bovinocultura de leite e a suinocultura e avicultura para produção de carne) e do extrativismo (madeira e carvão vegetal).

Nas últimas décadas vem tendo destaque a produção de produtos orgânicos (MULLER, 2001; DALMAGRO, 2012), com o uso crescente de técnicas de manejo sustentável do solo e de outros recursos naturais, priorizando o não uso de adubos e agrotóxicos de sistemas químicos. Somando-se a essas práticas, damos destaque ao crescimento e desenvolvimento do agroturismo, que contribuiu para que o município fosse reconhecido como a “Capital Catarinense da Agroecologia” na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

A agricultura sustentável, do ponto de vista agroecológico, tem que atender alguns pontos básicos: baixa dependência de insumos químicos, uso dos recursos renováveis acessíveis, utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; aceitação das condições locais do meio ambiente; manutenção de longo prazo da capacidade de produção; preservação da diversidade biológica e cultural; utilização do conhecimento popular, da cultura e população local; produção de mercadoria para o mercado interno e exportação

(GIESSMAN,1990). Segundo Altieri (2012), a agricultura sustentável se refere à “busca de rendimento duráveis” em longo prazo em que se faz uso de práticas de manejo ecológicas.

Procurando atender a esses preceitos agroecológicos, manter a economia da cidade e honrar o título recebido, o município tem de lidar com as contradições vivenciadas dentro do território, que vai da produção agroecológica e da orgânica, até a produção com uso abusivo de agrotóxicos.

### **1.2.1 Do “primitivo” ao tradicional**

A história econômica do município está dividida em três partes: do “primitivo” ao tradicional, do tradicional ao convencional e do convencional ao agroecológico. Esta divisão é proposta por Müller (2001) em sua dissertação “*Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições – o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC*” que, como o título sugere, discorre sobre as mudanças observadas no município a partir da Agroecologia.

Do “primitivo” ao tradicional a região era ocupada por indígenas que foram dizimados com a chegada da colonização europeia. O processo de colonização de Santa Rosa de Lima foi iniciado em 1905, com a chegada de colonos alemães, que se instalaram em pequenas propriedades. A agricultura, genericamente denominada de “tradicional”, era caracterizada pela diversificação de cultivos, associada à criação de pequenos animais, atividades voltadas primordialmente para a subsistência familiar.

Depois desse período de estruturação, o foco passou à criação de porcos do tipo Macau, com o objetivo de engorde e venda da carne e subprodutos – principalmente a banha –, sendo este animal considerado o “ouro branco” do colono. Nesse período esses produtos de origem pecuária, compreendido pelas décadas de 1920 e 1930, eram comercializados em um único estabelecimento do município, havia a simples troca dos produtos do colono pelos do comerciante, à moda do escambo.

A modernização da agricultura brasileira, a partir dos anos 1960, acarretou numa crise no modelo de criação do porco Macau na cidade. Incentivado pelo Governo Federal, o cultivo de soja representou a inserção da margarina e do óleo de soja nos mercados, bens substitutos à manteiga e à banha de porco, afetando bastante a criação do porco na região.

### **1.2.2 Do tradicional ao convencional**

Com a “modernização” da agricultura local através do cultivo do fumo e do milho, novas ferramentas e técnicas de manejo do solo com utilização de equipamentos e insumos geneticamente modificados, como as sementes de milho híbrido – o uso de pesticidas, herbicidas, calcário para correção da acidez do solo e adubos químicos – a região começou a sentir as alterações no modo de vida dos agricultores e, consequentemente, nas relações econômicas.

Apesar dessas mudanças, ainda hoje há vários traços do cultivo característico do campesinato<sup>1</sup> local e da mão de obra familiar muito presente em Santa Rosa de Lima.

Com a “crise do porco Macau” nos anos 1960 e a consolidação do cultivo do fumo, nos anos 1980, importantes mudanças ocorrem no modo de produção social de determinada parcela dos agricultores do município, notadamente naquelas propriedades que optaram pela fumicultura. O cultivo do fumo foi um incentivador ao desmatamento, para a geração de energia térmica para a secagem das folhas na fumageira. Na entressafra do fumo, a partir das melhorias do solo agenciadas pelo apoio técnico das empresas compradoras de fumo e dos equipamentos adquiridos, era possível uma safra de milho híbrido, sendo importante para alimentar os animais da propriedade usados para subsistência das famílias como: carne, leite, manteiga, banha e ovos.

### **1.2.3 Do Convencional ao Agroecológico**

Na década de 80, a economia do município se baseava na fumageiras, mas com as mudanças nas políticas de crédito, o repasse do aumento nas taxas de juros e dos custos de produção, principalmente dos preços dos insumos, as fumageiras passaram a diminuir a cotação do fumo, ocasionando a inadimplência e perda gradativa de renda dos produtores. Mesmo assim, ainda hoje o fumo continua sendo bastante cultivado em Santa Rosa de Lima.

A atividade leiteira foi a opção econômica que primeiramente os agricultores encontraram em substituição à cultura do fumo. Devido à crescente procura dos produtos, os técnicos da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI - e da

---

<sup>1</sup>Neste caso, chamamos de campesinato o conjunto de famílias camponesas existentes em um território.

Prefeitura Municipal de Santa Rosa de Lima passaram a “incentivar os agricultores a investir na atividade leiteira, principalmente através de cursos técnicos e do melhoramento genético dos animais” (MÜLLER, 2001, p. 123). A demanda pelo leite e seus derivados vinha, até então, de outros municípios da região, quando em meados dos anos 1990 um laticínio é instalado no município, o que acarretou no aumento do preço pago aos agricultores pelo produto, dada a concorrência estabelecida. Este fato também incentivou que mais agricultores aderissem ou intensificassem a atividade que, ao contrário do fumo, efetuava pagamentos mensais pela produção.

Em 1996, o poder público da região das Encostas da Serra Geral, sul de Santa Catarina, buscou novos meios de produção para o seu território, principalmente, procurando focar em técnicas mais ecológicas e menos agressivas ao meio ambiente. A partir desse período, diversos produtores da região iniciam a chamada transição agroecológica<sup>2</sup>.

Na agricultura, o uso de insumos químicos havia gerado muitos problemas e afetado a qualidade de vida da comunidade. A partir dessas problemáticas, nasceu uma organização pela preservação da vida e da natureza: a AGRECO - Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral – responsável por criar uma associação de produtores que baseiam seu trabalho e produção em uma agricultura sustentável.

Segundo Wilson Schmidt “Feijão” o “início de formação da AGRECO tinha como objetivo mudar a vida da região não apenas de poucas famílias, uma perspectiva de tornar-se um circuito de muitas pessoas envolvidas, não pensando em uma pequena associação local e sim em algo de grande porte e oportunidades de expansão”. (GUZZATTI, 2012).

Com esse contexto em 1996 surge a AGRECO oficialmente, onde o objetivo inicial era produção, beneficiamento e comercialização de alimentos orgânicos. No início foram 12 famílias que iniciaram e focaram a venda para o supermercado Santa Mônica, com o trabalho dando resultados positivos de 12 famílias no ano seguinte esse número aumentou para 20 famílias cerca de 50 pessoas segundo GUZZATTI

---

2 A transição agroecológica compreende a mudanças no modo de produção no campo, no modo de relacionar-se com o meio ambiente e com a sociedade. A transição agroecológica vai além de apenas técnicas de manejo de solo e ambientes, ela compreende outra forma de inserir-se na sociedade e estabelecer relações.



(2012).

O título do município “Capital da Agroecologia” decorre dessa transição agroecológica realizada por muitas famílias agricultoras, que saíram da produção convencional e passaram à produção agroecológica e em muitos casos, à produção orgânica. Mas, apesar dessa transição, ainda há no município, um grande número de famílias que faz uso de agrotóxicos, seja na produção de fumo, verduras e legumes, milho e nas pastagens.

### 1.3 A Educação do Campo no contexto de Santa Rosa de Lima

Forjada pelos movimentos sociais do campo, ao final dos anos 1990 no Brasil, a Educação do Campo tem como princípios, priorizar as especificidades do campo, apropriando-se dos conhecimentos historicamente produzidos pelos sujeitos do campo, que lutam pelo direito de serem educados no lugar onde vivem “**no Campo**”; como também pautam uma educação pensada desde esse lugar “**do Campo**”, articulando às suas cultura e às necessidades humanas e sociais (CALDART, 2012).

Procurando respeitar o saber social, a experiência do cotidiano dos povos do campo, das suas culturas, das formas de produção, a Educação do Campo procura priorizar também a diversidade cultural.

Dessa forma, a Educação do Campo compreende outra lógica de Educação, baseada em uma formação humana, alicerçada em princípios de valorização da vida e das relações sociais e ecológicas (CARCAIOLI, 2014).

Assim, pensar uma educação e uma escola baseada nos princípios da Educação do Campo é partir sempre das relações da realidade local, de forma a vincular teoria e prática. A Educação do Campo tem por pressuposto vincular a prática pedagógica realizada pela escola com as práticas sociais do homem do campo, sendo de vital importância, pois implica em transformar a escola num instrumento que opere vinculada com os saberes alternativos que vem sendo gestado nas práticas sociais. Como sintetiza Caldart,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de

resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. A Educação do Campo nasceu tomando/ precisando tomar posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente, a afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões, necessidades, formas. E ao nascer lutando por direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse à sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (CALDART, 2007, p. 2-3).

Assim, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo foi implantado para atender a uma proposta do Ministério de Educação(MEC). Através do ProCampo, o MEC buscava a formação de professores para as escolas rurais brasileiras, com pessoas habilitadas que olhassem o campo como lugar de desenvolvimento e sustentabilidade. Então, o perfil do estudante desta Licenciatura seriam as pessoas que vivem no campo, que tenham interesse de cursar um ensino superior de qualidade, e que ao mesmo tempo queiram permanecer dispostos a trabalhar, depois de formados, para melhorar os processos educativos no campo e assim, tornar um local para a permanência dos sujeitos e desenvolvimento humano e social.

Procurando aproximar o município de Santa Rosa de Lima que, como já visto anteriormente tem características estritamente rurais, aos princípios da Educação do Campo, de forma a transformar as relações sociais e ambientais, principalmente pela via educacional - a escola -, em 2012 a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – decide por ofertar no município o curso de Licenciatura em Educação do Campo (Educampo) com ênfase no Ensino de Ciências, Matemática e Ciências Agrárias. É importante destacar que o currículo do curso de graduação

tem como pilar central as relações transversais entre os conhecimentos das áreas científicas e a Agroecologia.

Então, ofertar a turma Turma 4 no município de Santa Rosa de Lima, parece dialogar com os princípios da Educação do Campo, uma vez que os sujeitos dessa localidade são considerados “sujeitos do campo”, em toda a heterogeneidade que o termo abarca. A entrada do curso no município teve como ponto de entrada e referência o contato com a administração municipal e com organizações da sociedade civil ligadas à produção orgânica, ao agroturismo e, de forma mais geral, à cooperação, as fortes características do território com a presença da agricultura familiar.

Os princípios da Educação do Campo traz esse olhar ao estudante sobre sua realidade local, onde faz contribuir com mudanças dentro do município.

#### 1.4 Princípios da Agroecologia

O termo “Agroecologia” surge na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada na agricultura (Gliessman, 2000). O termo se popularizou na década de 1980, a partir de trabalhos de Miguel Altieri e de Stephen Gliessman, ambos os pesquisadores de universidades estadunidenses e atualmente considerados os principais expoentes da “vertente americana” da Agroecologia. Compreendida como uma ciência, a Agroecologia se desenvolveu a partir de conhecimentos e de práticas experimentadas por agricultores camponeses em diferentes épocas e lugares do mundo.

Essa ciência baseia-se em um modelo de agricultura que seja, ao mesmo tempo produtiva, ecologicamente equilibrada, que conserve a biodiversidade e seja socialmente justa, economicamente viável e culturalmente adequada. É importante destacar que Agroecologia, como já dito, é considerada uma ciência e não técnica, apenas, e compreende a natureza e as relações que se dão dentro dela de uma forma holística, ou seja, considerando o todo envolvido e as relações dentro dele e não a natureza como um recurso material.

No final da década de 1970, no Brasil, ela encontra espaço junto a pequenos grupos que se opunham à Revolução Verde<sup>3</sup> e

---

3 “A introdução em larga escala, a partir da década de 1950, em muitos países do mundo, inclusive no Brasil, de variedades modernas de alta produtividade foi denominada Revolução Verde. [...] concebida como um pacote tecnológico – insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grades extensões de terra – conjugado ao difusionismo

militavam à favor de uma agricultura alternativa. Um dos grandes críticos da Revolução Verde no Brasil foi José Lutzenberger, que ressaltou os malefícios dos agrotóxicos e a necessidade de uma regulamentação no uso desses venenos.

Muitos outros pesquisadores se dedicaram a estudar e trabalhar a favor de outro modelo de agricultura, que deixasse os pacotes tecnológicos da Revolução Verde de lado e se baseassem nos saberes tradicionais, culturais e cotidianos dos camponeses, buscando articular e trazer a ciência e a tecnologias à favor de uma agricultura sustentável e da qualidade de vida do campo.

Destacamos alguns pesquisadores como: Adilson Paschoal, que estudou o efeito dos agrotóxicos nos Agroecossistemas, denunciando a contaminação e envenenamento dos alimentos; Ana Primavesi pesquisadora que considerou o solo como um organismo vivo e debruçou-se em compreender o ambiente de uma forma holística e Sebastião Pinheiro, que se destacou na denúncia das contaminações por agrotóxicos e no desenvolvimento de tecnologias para a produção de base ecológica.

Foi em 1989 que o termo “Agroecologia” começou a ser utilizado no Brasil e considerada uma ciência a ser reconhecida e estudada, com a publicação em português do livro “Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa” do autor Miguel Altieri (1989).

Assim, a agroecologia passou a ser compreendida com um enfoque científico, apoiando a transição dos modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas mais sustentáveis (CAFORAL e COSTABEBER, 2004).

A Agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores dos recursos naturais, apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis.

Para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável e produtiva, a Agroecologia orienta práticas de: aproveitamento da energia solar

---

tecnológico, bem como a uma base ideológica de valorização do progresso. Esse processo vinha sendo gestado desde o século XIX e, no século XX, passou a se caracterizar como uma ruptura com a história da agricultura.”(PEREIRA, 2012, p. 685).

através da fotossíntese; manejo do solo como um organismo vivo; manejo de processos ecológicos – como sucessão vegetal, ciclos minerais e relações predadoras – praga; cultivos múltiplos e sua associação com espécies silvestres, de modo a elevar a biodiversidade dos agroecossistemas; e ciclagem da biomassa – incluindo os resíduos urbanos. Dessa forma, “o saber Agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir ‘com a natureza’” (Leff, 2002, p. 44).

Através desse meio pode-se produzir de forma ecológica sem que agrida a natureza, sendo a agroecologia uma ciência que respeita a natureza no processo de produção e melhoria da qualidade de vida das pessoas para a transformação da agricultura brasileira.

Acreditando que a agroecologia tem um papel fundamental no estudo da vida e dos sistemas que a sustentam, compreendemos que o educador deve ter o papel de articular o conhecimento científico trabalhado na escola com os princípios agroecológicos.

Desta forma, a agroecologia pode se tornar o elo de ligação entre o conhecimento científico e os conhecimentos populares. Além disso, a agroecologia é interdisciplinar, pois envolve ao mesmo tempo diferentes áreas da ciência, integrando estudos sobre a natureza e a sociedade. Seu estudo pode ajudar as escolas a desencadear processos de desfragmentação do ensino e inspirar novas lógicas de organização do plano de estudos.

Na escola, a agroecologia precisa ser estudada na forma em que é produzida, ou seja, na relação entre teoria e prática. Os estudos de Agroecologia fazem mais sentido quando relacionados a conhecimentos gerais sobre a natureza e os processos de produção em geral (lavoura, agroindústrias), e a conhecimentos sobre processos de distribuição e consumo. Também é de fundamental importância estudar a história da agricultura e da alimentação, para se entender as modificações de cada modo de produção e como chegamos aos impasses atuais.

As escolas podem ser a ponte de aproximação das famílias à agroecologia, pois os educadores podem partir de práticas de agricultura tradicional camponesa, como rotação de culturas, controle biológico de pragas, produção e troca de sementes, entre outras técnicas que não são identificadas pelos seus sujeitos como agroecológicas, para trabalharem e valorizarem a cultura camponesa dentro das escolas.

Por esse motivo, insistimos tanto em mencionar a Licenciatura em Educação do Campo, pois acreditamos que dela possa-se formar educadores comprometidos com essas questões.

### 1.5 Papel geral da escola na formação dos sujeitos

Ensinar é uma especificidade humana como Paulo Freire deixou bem claro em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (2002). O professor deve ter dedicação e gostar de ensinar. A educação é de grande importância na sociedade, pois ela contribui para formar sujeitos mais críticos perante a sociedade.

Nos últimos anos, a sociedade passou por muitas mudanças, que exigem com que a escola também mude e se adapte a elas. Contudo, o professor deve se preparar e se atualizar para essas mudanças, como cita Silva,

Atualmente, encontramos nos discursos veiculados pela mídia e pelas políticas governamentais um forte apelo à escolarização como saída para os graves problemas enfrentados no país. Embora não seja correto imaginar que a escolarização possa resolver todos os problemas, temos que concordar que seu papel vai muito além de apenas instruir as novas gerações. (SILVA, 2002 p. 58)

Paulo Freire (1975), argumenta que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino e de aprendizagem, sendo um espaço privilegiado a se pensar. A escola transmite o conhecimento sistematizado, sendo que sua função não deve se restringir apenas a isso, pois a escola também tem o objetivo de auxiliar os estudantes a terem uma visão crítica e democrática do mundo em que vivem.

O papel da escola é de formação do sujeito, pois a partir do momento que ela for capaz de envolver o aluno nos conteúdos elaborados, relacionando a sua realidade, estará formando sujeitos críticos ao mundo que habitam e à sociedade em que vivem. A partir disso, a escola, no exercício de trabalhar a realidade e favorecer um debate construtivo, procura formar cidadãos críticos e também prepará-los para os desafios colocados na sociedade. Segundo Paro,

O interesse dos alunos por assuntos mais significativos leva a pensar também na mútua

determinação entre métodos e conteúdos num ensino de qualidade. O que se acredita, e se deseja, é que conteúdos mais significativos e críticos acabem por requerer e favorecer a utilização de métodos mais dialógicos, que firmem educadores e educandos como sujeitos numa relação interpessoal de trocas de experiências. (PARO, 2007, p. 62)

Segundo FREIRE (2001), as relações de trocas de experiências geram relações de confiança, fundamentais para que seja possível estabelecer uma educação problematizadora. Dessa forma, ressaltam-se como nos ensina Freire (2001), a importância de levar em conta a realidade dos alunos, percebendo a leitura de mundo de cada sujeito, e trabalhando uma investigação conscientizadora, na qual cada indivíduo pode entender sua posição no mundo. Essa perspectiva de Freire (2001) tem como finalidade possibilitar que os sujeitos percebam sua condição e reflitam sobre a importância de estudar e problematizar a realidade.

## 1.6 Contextualização como princípio curricular

O currículo escolar é entendido como uma base para o planejamento da prática pedagógica da escola e dos professores. A escola tem que ser capaz de trabalhar um currículo significativo, preparada para que o ensino e a aprendizagem, de fato se efetivem, em que a proposta político pedagógica esteja alicerçada a uma pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica, e que o educador, na concepção de Paulo Freire, seja aquele que “*ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde a sua opção política na neutralidade impossível de seu que - fazer*” (FREIRE, 2000, p. 44).

Quando se fala em contextualizar o ensino, a primeira coisa que vem em mente de um educando e de um educador é: conhecer os alunos, o contexto onde vivem e o entorno da escola. O ensino contextualizado favorece facilitar a compreensão do sentido das coisas, dos fenômenos e da vida. Enfim, contextualizar é problematizar o tema em estudo a partir dos conteúdos curriculares, fazendo uma ligação com a realidade, situando-os no contexto e retornando com um novo olhar. Como afirma Freire, Por que não discutir com os alunos a

realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 2001, p. 33-34)

É dessa forma que acreditamos que a Educação do Campo, baseada nos princípios da agroecologia, contextualizada e trazendo a realidade do campo e da vida dos estudantes de Santa Rosa de Lima para discussão, pode ser uma ferramenta de luta e de transformação da realidade da escola, dos sujeitos do campo que a frequentam e do município de maneira mais ampla, ou seja, contextualizando e discutindo o modo de produção e as contradições no interior da “Capital da Agroecologia”.



## Capítulo 2: Metodologia de Pesquisa

Aprender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vividas. (BRANDÃO, 1981, p.25)

### 2.1A Pesquisa Participante como instrumento metodológico

A pesquisa participante configura-se como uma metodologia, não só de pesquisa, mas sim de trabalho em geral, sendo usada bastante nos trabalhos práticos, que enxergam na apropriação coletiva do saber e na produção coletiva de conhecimentos uma grande possibilidade de garantir o direito que os diversos grupos e movimentos sociais têm sobre a produção, o poder e a cultura (GAJARDO, 1982). A Pesquisa Participante se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Sendo um tipo de pesquisa em que o pesquisador é agente e paciente, pesquisador e pesquisado.

Como referência fundamental o pesquisador que mais contribuiu para popularizar a pesquisa participante no Brasil foi Carlos Rodrigues Brandão. A pesquisa participante e a inserção do pesquisador no ambiente natural como no meu caso na Escola de Educação Básica Aldo Câmara e interação com a situação investigada.

Demo (2000, p.21), apresenta a seguinte classificação que a pesquisa participante insere-se na pesquisa prática para fins de sistematização. Onde a pesquisa prática “é ligada à práxis, á prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Há na pesquisa participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.

Da complexidade de aspectos que envolvem a pesquisa participante, a participação da equipe constitui-se num dos elementos componentes de seu alicerce. Essa aproximação se dá a partir do

momento em que se vislumbra uma convergência de atitudes favoráveis à perseguição de objetivos comuns. Nessa caminhada o pesquisador coloca-se como sujeito, juntamente com o grupo interessado, e a serviço não do grupo, mas da prática política daquele grupo, conforme já salientava (BRANDÃO, 1985).

Então, se entende pesquisa participante quando o pesquisador se insere no ambiente cotidiano do grupo ao qual esta sendo investigado. Procuramos trabalhar neste TCC, com a metodologia da pesquisa participante, baseada em Brandão (1981).

Para Brandão (1984), pesquisa participante se trata de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca aproximar a participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Estes participantes são oprimidos, os explorados. Trata-se, portanto de uma atividade educativa de investigação e ação social.

A pesquisa participante é a participação ativa do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que estuda/investiga, de forma paritária e em articulação com os sujeitos que estão envolvidos no processo de investigação.

Então, a opção pela pesquisa participante como metodologia deste trabalho, vem da liberdade que ela pode dar a pesquisa, os grupos investigados podem e devem seguir suas atividades comuns, cotidianas e o pesquisador vai seguindo esses sujeitos e participando do processo formativo (BRANDÃO, 1984). Para enriquecer a pesquisa participante procurei trazer entrevistas de professores do local.

Para melhor compreender a Pesquisa Participante, é fundamental iniciarmos procurando reconhecer que há uma relação estreita entre ciência social e intervenção na realidade, com intuito de estimular a superar as dificuldades de um específico grupo social. Significa dizer que a ciência não tem o fim nela mesma, mas pode ser utilizada sim como instrumento de questionamento sistemático para a construção do conhecimento do cotidiano e do destino do ser humano (Minayo, 2004; Fals Borda in Brandão, 1988).

## 2.2 Os sujeitos da escola

As entrevistas foram realizadas com duas professoras-professora Maria que tem formação em Licenciatura em Química e professora Joana, com formação em Licenciatura em Educação do Campo na área de Ciências da Natureza e Matemática, atuando na área de Biologia - e o diretor da escola Pedro. Também foi entrevistada Aline, mãe de alunos da escola, que hoje tem uma filha cursando o ensino médio do colégio. Os entrevistados foram, nesta pesquisa, tratados com nomes fictícios. As questões da pesquisa foram realizadas dentro do contexto escolar, os critérios de seleção dos sujeitos foram os professores tendo formação em biologia e química, sendo as áreas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

O diretor por tem uma ligação mais adentro dos assuntos da Agreco e agroecologia dentro do município. Para finalizar as entrevista sendo com uma mãe do município que também trabalha com a produção de orgânicos, assim buscando a percepção dela de como a escola trabalha a agroecologia. E no contexto busquei analisar e refletir sobre o documento da escola o PPP (projeto Polico Pedagógico) se apresentava ações dentro do ambiente sobre a agroecologia.

Com as entrevistas em mãos, busquei refletir sobre o contexto de Santa Rosa de Lima, que possui o título de Capital Catarinense da Agroecologia, tem produção orgânica de alimentos, mas ao mesmo tempo possui uma produção consideravelmente grande de produtos que utilizam agrotóxicos para seu cultivo, como o fumo. Assim, procurei analisar como essa contradição chega à escola e é trabalhada dentro do contexto de sala de aula.

É importante destacar que sou estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, moradora do município de Santa Rosa de Lima e ao realizar esta pesquisa, também me coloquei como pesquisadora nesse local. Logo, percebo a importância de refletir sobre essas relações, que são muito diferentes do ponto de vista do papel que estabeleço quando atuo em cada uma delas, mas de como também essas relações estão imbricadas e se refletem no momento de realizar uma entrevista, de lançar um olhar crítico à um contexto tão “naturalizado” para mim, mas que carrega diversas contradições e pontos de reflexão, que só conseguimos enxergar quando deslocamos o olhar, ou seja, quando retiro-me da posição de moradora da comunidade e passo, em um primeiro momento a lançar um olhar na posição de

estudante e mais tarde de pesquisadora e produtora de um texto que refletem algumas problemáticas, da qual também sou parte. Deslocar-se não é fácil, mas percebo que é extremamente necessário e importante para conseguir produzir uma pesquisa crítica, que possa contribuir com, procurando caminhos para transformação da realidade da escola, da comunidade, do município e da sociedade, de forma geral.

### Capítulo 3: A Agroecologia na escola de Santa Rosa de Lima

"Educação do campo do povo agricultor precisa de uma enxada, de um lápis e de um trator, precisa educador pra trocar conhecimento. O maior ensinamento é a vida e seu valor." (Educação do Campo - Gilvan dos Santos )

#### 3.1 A Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara

O contexto da pesquisa é a Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara (Figura 4), que está situado no perímetro urbano do município de Santa Rosa de Lima, na área central da cidade. É uma escola pública de propriedade do Governo do Estado de Santa Catarina. Então, sua dependência administrativa é Estadual e abrange desde os anos finais do Ensino Fundamental até a conclusão do Ensino Médio. A escola atende todos os alunos do seu entorno das comunidades, sendo elas: Campo do Rio Bravo, Rio do Meio, Rio dos Índios, Rio Bravo Alto, Mata Verde, Nova Fátima, Santo Antônio, Nova Esperança, Santa Bárbara e Praça (perímetro urbano), assim sendo a maior parte dos estudantes oriundos do meio rural. (Diagnóstico do município, 2013). A escola atende, nos períodos matutino, vespertino e noturno, porém, as crianças que precisam se deslocar do interior (campo) à escola, dispõem somente, de um horário de transporte escolar.

Atualmente, a escola conta com uma equipe de 11 professores efetivos e 15 professores ACTs. Os professores continuam vinculados ao estado ou ao município, conforme a origem funcional de cada um.

Neste ano de 2016, o colégio possui 134 alunos do Estado, fora os do município, que funciona com três turmas, resultando num total de 38 alunos. A escola funciona de forma mista, ou seja, com estudantes do Estado e do Município, que ocupam o mesmo prédio.

**Figura 4:** A escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara, 2015.



**Fonte:** Acervo pessoal.

No município, a escola é reconhecida pelo MEC como escola do campo. Ela está situada no perímetro urbano, mas atende predominantemente alunos do meio rural. Portanto, em sua essência, é uma escola do campo.

### 3.2 A Agroecologia vai à escola?

Na pesquisa fui em busca de respostas à pergunta acima, utilizando as ferramentas de pesquisa, entrevistei os professores das áreas de química e biologia e o diretor da escola. Outra ferramenta de análise foi o PPP (Projeto Político Pedagógico), sendo um documento importante e balizador das ações pedagógicas e curriculares da escola. O PPP na escola precisa ser completo, claro, atualizado e adequado às necessidades de aprendizagem dos educandos.

Ao entrar no contexto de pesquisa, o primeiro entrevistado foi o diretor da escola - Pedro – para quem deixei claro meu interesse em ler e me aproximar do PPP. Pedro alertou-me que o documento não se encontrava atualizado e a questão da Agroecologia não estava contemplada, como afirma em sua fala: “*A EEB Professor Aldo Câmara trabalha muito pouco a Agroecologia*”. Contudo ele deixou bem claro que alguns professores relacionavam o tema com os conteúdos escolares. O diretor Pedro relatou que,

“O Plano de Gestão Escolar proposto e trabalhado nos últimos anos contém o indicativo da necessidade de trabalhar em forma de projetos, conteúdos e práticas esses temas. Porém, apenas alguns professores mais envolvidos com as entidades aprofundam essas discussões. Os adolescentes mostram uma grande apatia a essas questões.”(Pedro, 22/06/2016).

O curso de Educação do Campo busca essa aproximação dos conteúdos escolares com a realidade local dos alunos, esta aproximação desperta interesse. Na entrevista com Pedro ele deixou claro que,

*“O livro didático é uma ferramenta limitada nesses conteúdos e é muito usado na íntegra por mais de 80% dos professores. As contradições são trabalhadas por alguns professores com textos provocativos e visita à produção. Alunos quase sempre se mostram muito desinteressados. Por enquanto, o projeto de trabalho com essa temática existe, mas quase não é trabalhado.”* (Pedro, 22/06/2016).

Na fala de Pedro, ele deixa claro que para trazer a Agroecologia para a realidade do aluno, esta seria do seu ponto de vista, como,

“A capacitação poderá ser uma saída, mas é preciso criar incentivo público. Financiar a capacitação. Os cursos de graduação em Educação do Campo ajudarão na formação de quadros, porém uma minoria trabalhará nesta escola, por ter poucos alunos. É necessário uma especialização nestes temas para aprofundamento dos conhecimentos, e estamos longe disso!” (Pedro, 22/06/2016).

A Licenciatura em Educação do Campo é visto como uma formação diferenciada da maioria dos cursos de formação de professores, pois prepara o graduando para atuar na área do conhecimento e não apenas em uma disciplina. Trata-se de outra perspectiva e não da negação/invalidação das práticas unidocentes ou dos cursos que formam professores para atuação em uma única disciplina. Cabe destacar que

essa formação por áreas busca integração interdisciplinar da física, da química, da matemática, da biologia. (PIBID, 2012).

A formação por área de conhecimentos possibilita ações educacionais que favoreçam melhores condições de igualdade à trajetória escolar desses sujeitos pertencentes às populações do campo. Por esse motivo tem havido muitos debates e estudos sobre a formação docente, sob tal perspectiva,

[...] A formação para a docência por área deve ser ancorada em um projeto de transformação da forma escolar atual, visando contribuir especialmente no pensar de dois de seus aspectos fundamentais que são: a alteração da lógica de constituição do plano de estudos, visando a desfragmentação curricular pela construção de um vínculo mais orgânico entre o estudo que se faz dentro da escola e as questões da vida dos seus sujeitos concretos; e a reorganização do trabalho docente, objetivando superar a cultura do trabalho individual e isolado dos professores. Ambos os aspectos devem estar orientados por uma concepção de educação e de escola ligada aos nossos objetivos formativos mais amplos, enquanto classe trabalhadora, e fundamentada em uma abordagem histórico-dialética de compreensão da realidade e do modo de produção do conhecimento. (CALDART, 2011, p.97)

Nas entrevistas o diretor afirma que a maioria dos professores utiliza o livro didático e se apegam muito fortemente a eles, sendo poucos professores que fazem a relação dos conteúdo escolares com temas da Agroecologia, como ele cita, “...*apenas alguns professores mais envolvidos com as entidades aprofundam essas discussões...*”. Diante disso, é importante darmos destaque aqui às entidades da região, como é o caso da AGRECO (Cooperativa dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral), que realiza formações importantes com os cooperados, sendo alguns deles professores da escola.

A AGRECO, inspira na cultura da comunidade e na solidariedade do povo, pode-se dizer que é um reflexo sobre como as comunidades de colonizadores se organizavam em grupos para conseguirem se manter e, com esse mesmo espírito cultural de mutirões e trabalho em conjunto foi uma iniciativa que deu certo e pode resgatar o modo de trabalho e de vida das famílias agricultoras das Encostas da Serra Geral. AGRECO



proporciona a permanência da juventude no campo, pois as atividades agrícolas nas propriedades são responsáveis por gerar renda 52 para toda a família e oportunidade de investimentos e aprimoramento das atividades dentro das propriedades.

Na escola o livro didático deve ser usado como uma, entre outras fontes de conhecimento e, cabe ao professor buscar outros materiais para explicação dos conteúdos (PERUZZI, 2000), como afirma a entrevista com Joana, professora de Biologia que,

“na escola como um todo não sei se é trabalhado, mas sim em algumas disciplinas. Eu trabalhei com turmas do Ensino Médio a questão da produção orgânica, mais com ênfase nas consequências que podem gerar o uso de plantas transgênicas e agrotóxicos, no que está por trás disso, a questão da lucratividade...” (Joana, 24/06/2016).

Já a professora Maria afirma que *“nas minhas aulas sempre relaciono estes temas agroecologia /agrotóxicos”*. (Maria, 24/06/2016). Aline, mãe de estudantes das escola, traz um outro olhar, *“Não percebo que sejam trabalhadas questões da Agroecologia na escola. Pelo menos meus filhos não relatam que seja trabalhado.”* (Aline15/06/2016).

Além disso, perguntei aos sujeitos qual o significado, para a escola, professores e comunidade, o título “Capital da Agroecologia”, então Pedro afirmou que.

“Para a escola significa que temos um compromisso de formar cidadãos que compreendam a agroecologia. Os professores são geradores de expectativas quase sempre frustradas pelos visitantes. O isolamento da população a respeito do tema é muito grande. A prefeitura, em busca de recursos federais e estaduais usa muito forte argumentações com referência a esse título. O título de Capital Catarinense da Agroecologia é carregado nas costas de alguns sócios da rede AGRECO. A comunidade em si ainda não se deu conta do que significa essa honraria. Temos este título por termos o maior úmero de famílias com certificação orgânica em Santa Catarina, proporcional ao número de famílias agricultoras

residentes no município. Deveria elevar nossa auto-estima ainda mais, mas os espaços são muitos fechados, muitos interesses mesquinhos, limitam a ação de mais agricultores. A escola precisa sair do seu espaço mofo e perceber a grandiosidade que a cerca.”(Pedro, 22/06/2016).

A professora Joana, que tem formação em Licenciatura em Educação do Campo e ministra aulas de Biologia na escola, afirma que,

“Não sei se toda comunidade sabe o que realmente significa esse título, mas a cidade é vista mais por causa da produção orgânica” (Joana, 24/06/2016).

A professora Maria acredita que,

“É muito importante para a cidade este título, porém pouco trabalhado na escola e comunidade.” (Maria, 24/06/2016).

Na visão da Aline,

“Não vejo que a escola, professores e comunidade (de maneira geral) valorizem esse título. Até há por parte de alguns o “discurso” de valorização, mas, a prática mostra que esse título significa pouco, pois isso não é trabalhado em sala de aula.”(Aline, 15/06/2016).

Retomando o que citamos no primeiro capítulo: Qual o papel da escola? Paulo Freire (1975) argumenta que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino e de aprendizagem, sendo um espaço privilegiado a se pensar. A escola transmite o conhecimento sistematizado, sendo que sua função não deve se restringir apenas a isso, pois a escola também tem o objetivo de auxiliar os estudantes a terem uma visão crítica e democrática do mundo em que vivem.

O papel da escola é de formação do sujeito, quando a partir do momento que ela for capaz de envolver o aluno nos conteúdos elaborados, relacionando a sua realidade que são “*grandiosidade que a cerca*”, afirmou Pedro, a escola estará formando sujeitos críticos ao mundo que habitam e à sociedade em que vivem.

Portanto, a formação dos docentes é a base para a escola de qualidade, pois não bastam apenas equipamentos tecnológicos e escola equipada, mas antes docentes capacitados e motivados para fazerem o seu trabalho.

Buscamos uma escola capaz de trabalhar um currículo significativo, preparada para que o ensino e a aprendizagem de fato se efetivem a proposta político pedagógica esteja estruturada a uma pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar a realidade social.

Através da escola, junto com seus educadores, com a comunidade de onde ela faz parte, podemos sonhar em trazer as mudanças necessárias para uma sociedade justa e igualitária. Se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade, isso não será possível alcançar. Vale a pena retomarmos Paulo Freire, que nos diz,

Você, eu, um cem número de educadores sabemos, todos, que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um *que fazer* educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, 1991, p.126).

Assim, é importante refletirmos que a escola não será a única responsável pelas transformações da sociedade, mas através de pequenas iniciativas, trazendo a Agroecologia para a sala de aula, debatendo nossas contradições mais internas é, que conseguiremos avançar, podendo mudar a sociedade aos poucos, nunca desistindo e inserindo-se nos contextos de luta e resistência, que acredito que possa ser a escola.

Perguntando aos entrevistados se eles acreditam ou “percebem” que as questões relacionadas à Agroecologia, como ciência, podem ser trabalhadas e integradas aos conteúdos escolares, eles afirmam que,

“É possível trabalhar os conteúdos com a busca de bibliografias e colocá-las à disposição dos professores, alunos, gestores e equipe pedagógica. O Projeto de Gestão Escolar apresentado pela

coordenação da atual direção da escola prevê ações de visibilidade prática, ou seja, dispor de locais para a aplicação prática de conteúdos debatidos em sala de aula como: Laboratório de produção de horta orgânica, local de uma composteira, trilha para estudos florestais, construção de cisterna, feira de sementes crioulas e também visitas às propriedades de agricultores familiares. Ainda, palestras de técnicos e outros profissionais especialistas neste tema para formação de professores e também para alunos.” (Pedro, 22/06/2016).

Joana deixou claro que,

“Podem ser trabalhadas em qualquer momento, o problema é a questão dos conteúdos curriculares que precisam ser seguidos, o que não abre muito espaço para temas extras. Mas, dentro de vários conteúdos da Biologia é possível trabalhar” (Joana, 24/06/2016).

Maria também disse que,

“Quando estou explicando os conteúdos, cito este título para os alunos, e conversamos sobre os malefícios dos agrotóxicos e os benefícios de uma alimentação saudável.” (Maria, 24/06/2016).

Os entrevistados demonstram a preocupação de seguir a proposta do currículo escolar, mas sempre quando podem associam o tema Agroecologia aos conteúdos escolares. Para se pensar no currículo, é preciso saber que o processo educativo deve colaborar para o bom desempenho dos alunos. A escola do campo possui particularidades que fazem parte da realidade sociocultural que devem ser vistas na sua prática curricular, e é com esse olhar que pretendemos refletir sobre o currículo nas escolas do campo. Dentro deste contexto é interessante ressaltar a importância da formação do docente como também a construção do Projeto Pedagógico Curricular contextualizando com a realidade, em que deveriam ser inseridas ideias e práticas agroecológicas ligadas às necessidades da comunidade, sem, no entanto desvincular-se da realidade global.

Sobre isso, Pedro acredita que,

“Santa Rosa de Lima ostenta o título de Capital Catarinense da Agroecologia pela persistência de um grupo de lideranças que acredita e que abraçou essa forma de produzir e viver como princípio, mas o uso de agrotóxicos continua ainda bastante intenso, principalmente os herbicidas. Nessa luta o município já teve muitos avanços como exemplo: redução do plantio de fumo em 90%, o uso do pastoreio (piqueteamento de pastagens) substituindo o alimento saturado pelas capineiras, a implantação de composteiras e reflorestamento de margens de rio. (Pedro, 22/06/2016).

Apesar de ostentar o título de “Capital da Agroecologia” houve uma grande redução do uso de agrotóxicos no município, mas ainda persiste seu uso. Então, o papel da escola também pode ser de refletir sobre a realidade em seu entorno, levando para dentro dela as contradições vivenciadas no município, o que nos faz acreditar mais intensamente que tanto a escola quanto a região precisam de espaços de formação sobre a temática, como citou Pedro, e que a Educação do Campo tem muito que contribuir com o desenvolvimento sustentável da região e com a busca dos caminhos para transformação da escola e da sociedade.

Se tem muito a construir dentro do atual modelo de ensino para se ter um sucesso na educação de forma a pensar o curso de educação do campo, mas considerando o tamanho de nossa cidade e a quantidade de jovens se formando para lecionar no ensino fundamental e médio na área das ciências da natureza e matemática, podemos pensar novamente em um modelo de educação em SRL.

a Agroecologia é o caminho para a construção de uma vida saudável, com as ideias de preservação da natureza e trabalhando para que o aluno valorize o que de fato é saudável tanto para alimentação, meio ambiente. Constatando que o consumismo abusivo dentro do capitalismo só tende a piorar nossa forma de viver, acredito que o melhor caminho para as mudanças que buscamos e a valorização do pensamento agroecológico, que sem dúvida deve ser trabalhado na escola para que as crianças e jovens cresçam e se desenvolvam com as bases para transformar a escola e lutem por um outro modelo de sociedade, que valoriza o trabalho no campo e a cultura camponesa.



## Considerações finais

A Licenciatura em Educação do Campo da UFSC com sua formação na área da Ciências da Natureza e Matemática busca a perspectiva de trabalhos interdisciplinares, onde procura-se trabalhar a realidade local dos estudantes. Então, em Santa Rosa de Lima, a Agroecologia é muito presente, foi possível realizar esse olhar crítico à realidade local, destacando a temática apresentada como forma de pesquisa e proposição de mudanças e transformações na escola, na comunidade e na sociedade.

Com o título “Capital Catarinense da Agroecologia”, Santa Rosa de Lima tem um potencial enorme para se destacar não somente em produção de alimentos orgânicos, mas também em relação à outros modos de lidar com as relações pedagógicas, seja junto às entidades, na escola e melhor ainda, na união delas. Por isso, é preciso investir na formação de educadores. A Agroecologia pode ser um eixo curricular transversal, sendo passada por todas as áreas do conhecimento.

A partir desta pesquisa pude perceber que o ato de pesquisar não é simples, muito menos sistematizar toda uma pesquisa, o que me chama a atenção é que, sendo a temática tão cara para modificações na realidade de minha comunidade, mais fui me envolvendo e querendo buscar respostas.

Com a pesquisa concluí que, os formandos na Licenciatura em Educação do Campo tem um compromisso com a escola, de trabalhar a partir das bases da Agroecologia, pois através dessa educação podemos mudar a sociedade. Então, dessa maneira, fazer agroecologia é uma construção social.

A produção agroecológica é uma opção de vida, que tem como principal objetivo mudar a vida das pessoas e garantir relações sociais mais justas e alimentação saudável e limpa de venenos. Essas mudanças não devem ocorrer apenas dentro da escola e nem é papel apenas dela, mas sim de todos nós, comprometidos com essa luta. A escola pode ser um espaço para discutir a realidade da sociedade e colocar ações em prática.

Procurando atuar na “Capital da Agroecologia” e em sua região, os profissionais formados pela Educampo têm um longo e importante caminho pela frente, na busca da transformação das escolas, aproximando-as cada vez mais dos princípios estruturantes da Educação do Campo.





## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, J. O papel da escola na sociedade contemporânea: Desafios e possibilidades. Disponível em:

<[http://www.webartigos.com/artigoas/o-papel-da-escola-na\\_sociedade-contemporanea-desafios-e-possibilidades/119040/](http://www.webartigos.com/artigoas/o-papel-da-escola-na_sociedade-contemporanea-desafios-e-possibilidades/119040/)> acessado em 11 de abril de 2016.

Associação dos municípios da região de laguna – AMUREL. Disponível em:

<<http://www.amurel.org.br/municipios/mapazoom.Php>> acessado em 20 de março de 2016.

BAUMANN, S. V.; Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima. Dissertação de mestrado. Florianópolis, 2012.

BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa Participante**. 3ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1981.

CAPORA, L. F.; COSTABEBER, J. A.; Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília 2004.

CARCAIOLI, Gabriela F. **Conhecimentos ordinários, currículo e cultura: artes de fazer no Acampamento Elizabeth Teixeira**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós- Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 2014.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa. 2001 Impressos no Brasil. 25ª EDIÇÃO. EDITORA PAZ E TERRA S/A

MACEDO, D, B. Santa Rosa De Lima-SC: uma discussão sobre opções em termos de desenvolvimento em nível territorial. Florianópolis, 2012.

MICHÈLE, D. ; GUHUR, P.;TONÁ,N. **Agroecologia**. Verbetes do *Dicionário da Educação do Campo*. EPSJV/Expressão Popular, 2012, p.57-64.

PARO, Vitor. O papel da escola. In: PARO, V. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. 3.reimpr. São Paulo: Xamã. 2007, p. 51-64.

PEREIRA, Mônica C. de Britto. **Revolução Verde**. Verbetes do *Dicionário da Educação do Campo*. EPSJV/Expressão Popular, 2012, p.685-689.

PIRESB, P. A. G. A escola e sua contribuição na formação de sujeitos: um olhar a partir da nova concepção de currículo. “língua e cultura: múltiplos olhares”. Disponível em <<file:///c:/users/usuario/downloads/282-1022-1-pb.pdf>> Acessado em 07 de abril de 2016.

RIGOTTO, R. M; ROSA, I. F; **Agrotóxico**. Verbetes do *Dicionário da Educação do Campo*. EPSJV/Expressão Popular, 2012, p.86-91.

RODRIGUES, A. C. S; LACERDA, R. S. L; SILVA, C. C; MARINI, F. S.; *O projeto pedagógico curricular como instrumento de promoção da identidade campesina*. Disponível em <http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/4CCHSADCBSPROBEX2013447.pdf> Acessado em 24 de junho de 2016.

SOARES, Alexandre. Diagnóstico do município. Santa Rosa de lima, ano 2012-2013. Desenvolvido no primeiro ano do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Não publicado.

SCHRAM, S. C; CARVALHO, M. A. B; O pensar educação em Paulo Freire, Para uma pedagogia de mudança.

GUZZATTI, T. C. O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural; sistematização e análise de um programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense. Florianópolis, 2003.

GUZZATTI, T. C; TURES, V.A. Gestão Social como caminho para a redefinição da esfera pública; O papel da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC) na construção de políticas públicas de turismo focadas no desenvolvimento rural e na promoção da agricultura familiar, Florianópolis, 26 a 28 de maio de 2011.

DALMAGRO, Álvaro. Santa Rosa de Lima: História e memória; da colonização à emancipação. Tubarão, 2012. 224p.

SOARES, A., BOEGUER, E., TONN, J., ASSING, L., TORQUATO, M. e HEIDEMANN, S. Diagnóstico do município de Santa Rosa de Lima; julho 2013. Trabalho de finalização da disciplina Estudos Orientados 1. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Educação do Campo, 2013. Não publicado.



## **Anexos**

### **1)Questionário das entrevistas:**

Como Santa Rosa de Lima possui o Título de Capital Catarinense da Agroecologia, tem produção orgânica e ao mesmo tempo existem outras produções com agrotóxicos.

- 1) Como estas questões são trabalhadas na escola e se são?  
E com que ênfase a escola trabalha estas contradições?
- 2) Qual o significado para a escola, professores e comunidade o título: Capital Catarinense da Agroecologia?
- 3) Em quais momentos você acredita ou “percebe” que essas questões podem ser trabalhadas e integradas aos conteúdos escolares?



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC  
Centro de Ciências da Educação – CED  
Curso de Licenciatura em Educação do Campo

### **Termo de Livre Consentimento**

Convidamos o (a) S.r. (a) para participar da Pesquisa), sob a responsabilidade do pesquisador (**Luana Heinzen Henckel**), a qual pretende (**O PAPEL DA ESCOLA EM SANTA ROSA DE LIMA: AS CONTRADIÇÕES VIVENCIADAS NO INTERIOR DA “CAPITAL DA AGROECOLOGIA”**). Sua participação é voluntária e se dará por meio de (**entrevistas**). Se você aceitar participar, estará contribuindo para (**esclarecer como a escola trabalha as contradições da agroecologia**). Se depois de consentir em sua participação o S.r. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua

pessoa. O (a) S.r. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo

### Consentimento Pós-Informação

Eu,

---

\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

---

Assinatura do participante

Data: \_\_\_/ \_\_\_/ \_\_\_\_

---

Assinatura do Pesquisador  
Responsável